

A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora-a-Branca, 105 — BRAGA

★ ANO XXX — N.º 581 — Melgaço, 1 de Fevereiro de 1976

★ Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Tel. 22455 - Braga

A propósito de uma visita ao «Rio»

Não se trata, evidentemente, do Rio de Janeiro. Trata-se, sim, da zona da freguesia de Fiães, encostada sobre o rio Trancoso, a que, talvez por oposição à zona do Convento, chamam o «Rio».

Por motivo de falecimento de um primo—o Luís Domingues—fomos ao Faval, visitar os parentes.

É, sempre, motivo de saudade e emoção a passagem na Adedela, onde nos criamos.

Ali vivemos com os nossos pais e os tios padres João e Matias. A casa da Adedela era convívio de familiares e amigos, mesa caridosa dos necessitados, e lar académico dos rapazes que se desejavam preparar para ingressar no Seminário.

Havia pelos anos de 1926 e seguintes mais alunos de Fiães a estudar do que de todo o Concelho.

A Adedela foi um centro de estudo. Ali ensinou, como professor primário, oficial, o padre Francisco Meleiro, de cuja escola saiu, além de outros, o que depois seria o major Domingues, pai do actual Luís Gonzaga da Silva Domingues, general.

O padre João Vaz, meu saudoso tio e padrinho, que também

tirou o curso de professor primário, a pedido do tio ali se eternizou como professor. Como



P.e JOÃO VAZ

não havia edifício próprio, era numa sala ampla da sua casa que leccionava.

Da sua escola saíram muitos estudantes para o Seminário e para os Liceus.

Não descuro o enriquecimento da sua aldeia com a construção do edifício escolar. Para o conseguir, serviu-se da influên-

- A Casa da Adedela «Asilo Político»
- Uma escola eficiente
- Um professor e padre...

cia do grande amigo, major Domingues, que ali estudara. E conseguiu-o. Quis que na escola ficasse o retrato do grande amigo.

Com o eng. Conselheiro Fernando de Sousa, director de «A Época» pugnou pela estrada para o «Rio», não a conseguindo infelizmente.

O padre João Vaz, que foi um óptimo professor, com os métodos pedagógicos da época, era, sobretudo, padre.

Para melhor poder exercer o culto, trabalhou na construção de uma capela maior — a actual — ao lado de uma capela pequena existente no local e que ficou a servir de sacristia.

Como o nosso colaborador Bernardo Pintor assinalou, em Fevereiro do ano passado fizeram-se os 50 anos da inauguração da capela.

O edifício, amplo e airoso, tinha uma linda imagem do Coração de Jesus, bem como uma outra, bastante mais simples, e que era de S. Teresinha do Menino Jesus.

Na capela pequena estava sepultado o padre Francisco António Meleiro. Foi pena que, há

(Continua na 4.ª página)

Desejo que...

«Desejo que mais amor, piedade e compreensão orientem as relações humanas.

«Desejo que os ricos e privilegiados compartilhem com o pobre as suas bênçãos.

«Desejo que as nações se enriqueçam umas às outras na arte de governar os homens em paz, justiça e prosperidade.

«Desejo que todas as nações se reúnam para enfrentar com coragem e determinação os problemas mundiais sem precedentes que esperam a humanidade.

«Desejo que o imenso progresso alcançado pela ciência e a técnica seja igualado pelo aprimoramento moral do ser humano.

«Desejo que o mundo ouça com mais atenção a voz preocupada da juventude.

«Desejo que os líderes das grandes nações da nossa era superem as suas diferenças e unam os seus esforços para o bem de toda a humanidade.

«Formulo os meus melhores votos — «Su Taung» — a todos os homens e mulheres bem intencionados desta terra».

U Thant

Obrigado, Manuel F.ª Henriques e Manuel Cordeiro da Rocha

Dos srs. Manuel F.ª Henriques e Manuel Cordeiro da Rocha recebemos as seguintes cartas:

Lisboa, 14-1-76

Ex.mo Senhor Director de «A Voz de Melgaço»

Braga

Junto, remeto uma nota de 20\$00 para completar com os 60\$00 já enviados os 80\$00 que V. Ex.ª indica no vosso jornal de 1 de Janeiro de 1976.

Se não der muito incómodo desejo que me informem se realmente foi recebido, pois esta carta não pode seguir sob registo. Com os meus cumprimentos desejo que V. Ex.ª consiga restabelecer a ordem financeira dum jornal que não pode nem deve desaparecer. Muitas felicidades.

Manuel F.ª Henriques
Av. Elias Garcia, 100-2.º D.º
Lisboa-I

Lisboa, 21 de Janeiro de 1976.

Ex.ª Administração de «A Voz de Melgaço».

Por meio deste postal venho comunicar que tenho recebido o vosso Jornal nos dias marcados aonde fico com grande alegria. Venho agradecer e enviar junto com este postal um (Vale Postal) com a importância de cento e cinquenta escudos para pagar a assinatura referente ao ano em curso 1976.

O resto do dinheiro é pouco, mas será para bem do Jornal. Os meus agradecimentos.

Manuel Henrique Cordeiro da Rocha

Obrigado, sr. Manuel F.ª Henriques e sr. Manuel Henrique Cordeiro da Rocha.

Já aqui registamos a compreensão, a amizade e o bairrismo de outros prezados amigos e assinantes.

Os srs. Manuel F.ª Henriques e Cordeiro da Rocha trazem-nos também o seu apoio e fazem-no com palavras que nos comoveram. Bem hajam.

Por Santa Rita



Assembleia de Irmãos

Efectuou-se no passado dia 24 de Janeiro nova Assembleia de Irmãos, a qual tinha dois objectivos:

- apreciação dos problemas levantados na última assembleia; e
- eleição da nova mesa para o triénio 1975-78.

Como era um sábado, portanto, dia de trabalho a afluência

foi diminuta, o que não impediu que se tratassem os problemas que se haviam anunciado na Assembleia de 28 de Dezembro.

Presidiu o sr. padre António Esteves, e secretariou o sr. Júlio Sousa Domingues Vieites, que leu a acta, a qual depois de rectificadada, foi aprovada.

Tomou a palavra o rev.do padre António Esteves, o qual, referindo-se a um artigo no «Jornal de Notícias» sobre o caso de S. Rita, entendeu que nele se continham infamação e difamação; referiu-se à não publicação das esmolas na imprensa, ao inventário dos bens, ao cofre, que os irmãos desejam na igreja, e à homenagem ao padre Carlos.

O padre Júlio Vaz, a seguir, disse que se o artigo do «Jornal de Notícias» continha inexactões — injúrias, não as tinha visto, nem difamação — a Mesa deveria enviar àquele jornal o devido esclarecimento, sujeitando-se à resposta do autor. Quanto à não publicação das verbas disse que o facto era nocivo à pastoral de S. Rita; no tocante ao inventário dos bens, que era uma exigência dos Estatutos e uma norma de bom senso.

Em relação ao inventário, o sr. padre António Esteves levantou uma questão, que não existe, e que provocou a indignação dos irmãos: se os bens de S. Rita eram da Confraria ou da Fabrica. Os Estatutos são claros e alguns dos presentes vincaram com factos a posse dos bens pela Confraria de S. Rita.

Estranhou-se que o sr. Abade, levantasse este problema e o não fizesse, há mais tempo.

No respeitante às contas, o padre Júlio Vaz lamentou que nada constasse a esse respeito nas actas dos três últimos anos.

Terminada esta primeira parte, o sr. Júlio Sousa Domingues Vieites perguntou à assembleia

(Continua na 4.ª página)

Correspondente de Penso

Devido a um ataque cardíaco, a morte levou-nos o nosso prezado amigo e estimado correspondente de Penso, freguesia, onde contamos com muitos e dedicados assinantes. Surpreendeu-nos a morte do indulto Henrique Garcia, já pela sua idade, pois era muito novo, já pela dedicação com que se consagrava aos seus e ao trabalho para este quinzenário, onde só a boa vontade é estímulo e prémio.

Paz à sua alma, e sentidos pêsames aos seus familiares.

De PRADO De Rouças

AGRADECIMENTO — Este correspondente durante o tempo que permaneceu em Lisboa, foi procurado por diversos assinantes deste quinzenário e amigos, os quais me homenagearam em suas casas e pensões, seguindo assim o exemplo dos habitantes do Alto Minho que à sua mesa há sempre lugar para mais um, tendo a destacar Ricardo de Castro, Manuel Esteves, Cláudio Cardoso e tantos outros, por último até um ilustre oficial que tem a sua vivenda do Pinheiro Manso no Cartaxo, este ilustre oficial da Gloriosa Marinha de Guerra Portuguesa, prestando homenagem ao seu colega de longas viagens quiz homenagear aquele que há anos foi sempre o seu dileto amigo. Tal senhor em 11 do corrente quiz receber toda a família do colega amigo em sua casa. Para lá seguimos de manhã, tendo regressado cerca das 24 horas, depois de comermos um excelente banquete regado com o delicioso vinho branco e tinto do Cartaxo. Tudo chegou aos seus aposentos bem dispostos, constituindo a «guarnição» 5 casais e 3 netas, fazendo parte do banquete 18 pessoas que foram transportadas em 3 automóveis, não tendo surgido qualquer acidente.

As pesqueiras e terrenos inundados está prevista a sua avaliação a começar no próximo Março, para serem pagas aos seus legítimos donos. Sempre foram propriedades particulares e algumas são anteriores à nossa Nacionalidade. Tudo foi esclarecido em 1936.

AGRICULTURA — Os nossos emigrantes, cá andam na poda e ata da vinha e preparando tudo para se retirarem, visto os que cá se encontram não poderem satisfazer o seu desejo que é extrair da terra o máximo que ela possa dar. Não é com paliativos que se podem aumentar as produções mas sim com grande esforço e trabalho. Entre eles além de outros, encontra-se o sr. Gaspar Manuel Cortes, nosso assinante.

FALECIMENTO — Foi em 18 do corrente que faleceu numa casa de Saúde em Viana do Castelo, Júlio Gonçalves, soldado da Guarda Nacional Republicana reformado, de 77 anos de idade, sendo o seu último domicílio no lugar do Carvalhal, freguesia de Prado. Deixa viúva, Aida Joaquina Gomes, pai de Henrique Ferreira Gonçalves, Jorge Ferreira Gonçalves, Aida de Lourdes Gonçalves, Justino José Gonçalves, Bento Júlio Gonçalves, sogro de Adriano António Cerdeira, Delfina Gomes de Sousa Gonçalves, Ludovina Rodrigues Gonçalves e de Alice Gonçalves.

O seu corpo veio em auto-fúnebre daquela cidade até à Igreja de Melgaço onde houve missa e de lá para o Cemitério da Vila de Melgaço, onde repousa.

«A Voz de Melgaço» envia a toda a família em luto sentidos pêsames.

ASSINANTES — Pagaram as suas assinaturas referentes ao ano de 1976: D. Irene Júlia de Castro Louro, Feijó, Almada; D. Delfina Gomes de Sousa Gonçalves, Laranjeiro; Ricardo de Castro, Lisboa; Lindolfo Gonçalves, Lisboa; Gaspar Manuel de Castro, Outeirão, Prado; Henrique Adjuto Domingos, Bouça Nova, Prado; D. Maria Odete de Sousa Calheiros Gomes, Largo de Santos-o-Novo, n.º 33, Lisboa - 1 nova assinante.

Manuel José Gomes de Sousa

ELECTRIFICAÇÃO — No passado dia 14, algumas dezenas de habitantes desta freguesia, foram a Viana do Castelo, a fim de se avisarem com o eng. Soeiro de Carvalho, da Hidro-Eléctrica do Coura.

A caravana bairrista incluía a Junta Administrativa e o eng. Abel Rodrigues.

Recebidos pelo eng. Soeiro de Carvalho, abordaram a electrificação da freguesia, que se arrasta, há anos, sem respeito pelos contratos assinados.

Nesta hora em que o Governo quer impulsar a electrificação em todo o País impõe-se a execução da mesma.

O eng. Soeiro de Carvalho, ficou de enviar um técnico a esta freguesia para solucionar o caso.

ESTRADA DE S. RITA — O Governo enviou alguns milhares de contos para obras no nosso Concelho. Entre elas, as de viação.

Ninguém duvida de que a estrada da ponte da Carpinteira a Fiães é essencial ao desenvolvimento da freguesia.

No tempo do prof. Manuel José Rodrigues, ficou assente com o Ministro das Obras Públicas que se arranjará a estrada.

A presença do dr. Sidónio na presidência da Câmara, ruínosa à administração concelhia, não deu andamento ao problema. Que vai fazer a Comissão Administrativa da Câmara? Aguardamos a informação, que todos os habitantes da freguesia esperam ansiosamente.

CORTEJOS — Nos dias 18 e 25 de Janeiro realizaram-se os cortejos para as obras da residência paroquial.

Emigrantes portugueses

Dentre os elementos de estatística apresentados num opúsculo destacamos alguns que nos parecem mais significativos:

— No total, o número aproximado de portugueses emigrados pelo mundo é de 2 milhões e 300 mil;

— Cerca de 50 por cento encontram-se nos países da Europa, onde a França (com 860 mil) e a Alemanha (143 mil) estão nos lugares cimeiros;

— Nos outros continentes, destacam-se as posições do Brasil (550 mil), Estados Unidos (160 mil), África do Sul (145 mil), Canadá (135 mil) e Venezuela (111 mil);

— Em relação a 1974, há a referenciar a saída de 70 273 portugueses, dos quais 26 876 foram em condições de clandestinidade, tendo a França como destino;

— Os distritos continentais com maiores contingentes além de Lisboa e Porto, são os de Aveiro, Braga e Leiria;

— De realçar os números referentes aos distritos insulares que no seu conjunto somam quase 20 mil emigrantes no ano de 1974, cujo destino foi, como já é tradicional, o Canadá e os Estados Unidos.

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE MELGAÇO

Edital

MANUEL JOAQUIM MAGALHÃES CARVALHO ALVES, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Melgaço:

TORNA PÚBLICO, de acordo com instruções superiormente recebidas, de que se vai proceder à revisão do — **RECENSEAMENTO ELEITORAL** —, dentro das seguintes normas:

- 1.ª — Serão eliminados dos cadernos eleitorais todos os cidadãos falecidos ou que por qualquer circunstância tenham perdido a capacidade eleitoral ou tenham mudado de residência;
- 2.ª — Devem ser inscritos todos os cidadãos que o não fizeram em 1975, que completem 18 anos, incluindo retornados e emigrantes, estes de acordo com a lei em vigor;
- 3.ª — Os cidadãos recenseados em 1975 limitar-se-ão a verificar os cadernos eleitorais para constatarem se estão devidamente inscritos;
- 4.ª — O período da inscrição ou eliminação decorre de 10 a 24 de Fevereiro, inclusivê;
- 5.ª — As Comissões de Recenseamento funcionarão nos mesmos moldes do ano anterior, em local a indicar oportunamente por editais.

Para constar se lavrou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume e publicados nos jornais locais.

E eu, Manuel Joaquim Magalhães Carvalho Alves, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Câmara Municipal de Melgaço, 23 de Janeiro de 1976.

O Chefe da Secretaria,
Manuel Joaquim Magalhães
Carvalho Alves

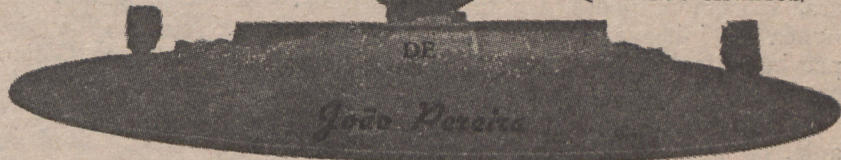
Almoços = Jantares
Tratamento familiar
Salas para excursões
Higiene — Asseio

Quartos com apartamento e os restantes com água quente e fria vistas para Espanha e Rio Minho

Pensão

Central

Classificada em 2.ª classe pela sua situação turística e aprovada pelo S. N. I. UMA DAS MELHORES DE MONÇÃO E COM QUARTOS ANEXOS



PRAÇA DEU-LA-DEU TELEFONE 52314 MONÇÃO

Artística "Foto-Caldas,"

DE José Joaquim Caldas

R. Rio do Porto — Telefone 42220 — MELGAÇO

Executa fotografias para documentos, na mesma hora — vende materiais para amadores e cinema das melhores procedências — faz reportagens em casamentos, baptizados, procissões, etc., em preto e côr.

Se quer ficar bem servido, dê-nos a sua preferência.

A RENASCENÇA

de JOÃO MARIA DE OLIVEIRA

Rua do Rio do Porto — MELGAÇO

Telef. 42488

Nesta casa executam-se todos os trabalhos de pichelaria, instalações de quartos de banho com água quente e fria. Todos os trabalhos são executados com a máxima perfeição e rapidez a preços sem competência. Orçamentos grátis.

De Chaviões

25-1-76

TEMPO AGRESTE — Com temperaturas bastante asperas, continuam a estiagem e as geadas, não só prejudicando os alimentos próprios para os animais, como provocando surtos de gripe nas pessoas.

Se é certo as geadas pertencerem ao mês de Janeiro, não é menos ver-

dade ter-se sentido a ausência das chuvas, nos seus devidos tempos.

FALECIMENTOS — No dia 30 do mês e ano findo, faleceu na sua residência no lugar da Igreja desta freguesia, o sr. José Joaquim Pinto, no estado de viúvo e com 87 anos de idade. O funeral realizou-se na tarde do dia seguinte para o cemitério local, depois de efectuados os actos religiosos na Igreja Paroquial, com grande acompanhamento.

— No mesmo dia e quase à mesma hora, faleceu na sua casa no lugar das Lages, o sr. Augusto César da Cunha, com 77 anos de idade, casado com a s.ra Eva Judit de Carvalho.

O funeral realizou-se na tarde do dia seguinte para o cemitério da Vila, com grande acompanhamento.

— No lugar do Curtinhal em casa de seus familiares, faleceu no dia 12 do corrente, depois de 12 anos de entretimento, a s.ra Júlia Alves, solteira. Completava os 100 anos da sua existência no dia 12 do próximo mês de Março.

O seu enterramento realizou-se na manhã do dia seguinte para este cemitério, depois de missa de corpo presente na igreja paroquial, sufragando a sua alma.

Para todos os que partiram para a eternidade, pedimos a Deus pelo seu eterno descanso para as suas almas.

A todos os familiares enlutados apresentamos por este meio as nossas sentidas condolências.

A. R.

Vinho do Porto **BARROS**

De todos De todos

o o

mais saboroso mais preferido

REGIST. BRAND

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

Tintas e Vernizes

Em BRAGA procure na DROGARIA DO MERCADO. Preços de revenda. Qualidades garantidas. Agentes dos produtos Agrícolas SAPEC, para tratamento de Pomares.

Praça Comércio, 71 - Tel. 24937 (Junto ao Mercado)

Agradecimento

A família da extinta D. Claudina Besteiro, que foi moradora no lugar das Bouças, Alvaredo, vem por este meio agradecer às pessoas que se dignaram assistir ao seu funeral e a actos de culto. Pedem desculpa de qualquer falta involuntária.

Electrotécnica

de ANTÓNIO SOLHA & IRMÃO

PRAÇA DA REPÚBLICA — MELGAÇO

RÁDIO
TELEVISÃO

ELECTRICIDADE
AMPLIFICAÇÕES SONORAS

Agentes da SIEMENS.

Prestam assistência técnica com competência e honestidade no nosso concelho.

CONSULTE-NOS para as suas instalações!!!

A propósito de uma visita ao "Rio,"

(Continuação da 1.ª página)

tempos, ao fazerem-se obras na Capela, se retirassem as ossadas do bondoso e santo sacerdote e que se construísse uma torre inestética que desfeia, grandemente, o edifício.

Dissemos que o padre João era, sobretudo, padre. De facto, nunca se iniciava a aula sem previamente haver uma aula de catequese.

Como não a podia ensinar na aula, no período que precedeu a revolução que levou Salazar ao poder, o padre João ensinava a catequese, no final da missa, a todos os alunos.

Nunca encontrei um aluno do padre João que não recordasse esta particularidade pedagógica do professor. Não encontrei ninguém que o não louvasse por isso.

Contrasta, esta atitude preocupante do padre João Vaz, num tempo em que era perigoso proceder como ele, com algumas atitudes que se verificam hoje: sacerdotes que não prestam o mínimo cuidado ao ensino da catequese, nem aproveitaram as oportunidades legais do regime salazarista — e, agora, as posteriores ao «25 de Abril» — para irem às escolas ensinar a catequese.

O padre João nunca foi pároco, nem teve obrigações de pároco. Apesar disso, era zelosíssimo. Na capela da Adedela havia missa diária, houve tríduos em honra do Coração de Jesus, faziam-se as primeiras sextas do mês, em honra do Coração de Jesus.

Era tal a sua preocupação com a missa dominical aos fiéis que, pouco antes de falecer, não podendo andar, ordenou que lhe preparassem o cavalo para percorrer uns 100 metros e apear-se no adro, já que não podia subir as escadas, a fim de que houvesse missa dominical para o povo.

Quis, um seu sobrinho, à morte dos pais e dos tios padres, que na freguesia de Fiães houvesse o

Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

em que pé estavam os assuntos abordados na Assembleia de Dezembro e que fundamentalmente, eram quatro: a estrada para S. Rita; a urbanização; a sala de aula para as crianças dos lugares mais próximos de S. Rita; e a pastoral de S. Rita.

Quanto à estrada ficou decidido, antes de a Mesa tomar qualquer decisão, saber na Câmara o que se passou com o projecto dos Serviços Florestais que ali foi entregue pelo dr. Carlos Nuno Vaz; quanto à urbanização, o padre Júlio Vaz disse que falara com o técnico da Câmara e que este lhe dissera que será levantado o mais breve possível, o sr. Armando Rodrigues, da Junta Administrativa da Freguesia informou que o Adjunto Escolar estivera em S. Rita, a estudar o caso da sala.

Sobre a pastoral de S. Rita Manuel Luís Vergara Vaz, lembrou a conveniência de organizar um inquérito e enviá-lo aos devotos de S. Rita e entregá-lo nos dias de Romaria aosromeiros para que eles se pronunciassem sobre S. Rita e a pastoral.

Como não havia número bastante para a eleição da Mesa para o Triénio de 1975-78 foi decidido que se efectuasse, a eleição no dia 1, domingo, às 15 h.

tríduo anual em honra do Coração de Jesus, pagando ele todas as despesas. Apenas conseguiu que se fizesse uma vez.

No Natal de 1938, o nosso saudoso tio e padrinho padre João que uma bronquite asmática destruía impiedosamente, disse-nos: «Morrerei, quando aquela serra estiver coberta de neve». E apontou a serra na Galiza.

O frio era o terror do doente. E a neve lembrava-lho.

De facto, no dia 28 de Janeiro de 1939, quando a sua morte nos obrigou a regressar de Braga à Adedela, ao subirmos S. Gregório para a Adedela, a serra estava coberta de neve e o frio enregelava-nos.

Na sala grande da casa, com as vestes sacerdotais, já no caixão, vimos a gratidão de uma família numerosa — irmãos, cunhados e sobrinhos que muito o amava, rodeando-o de lágrimas e de preces. Família, que ainda hoje o lembra com amor e orgulho.

O padre João Vaz foi um benfeitor da instrução e da religião.

Felizmente, nunca teve uma condecoração do Estado ou da Igreja.

As numerosas gerações que ele formou são a sua coroa de glória, não obstante os anos que nos separam da sua morte.

* * *

Quando, no Natal do ano passado passamos na Adedela, vimos um edifício novo para a escola oficial.

Felicitemos o autor do projecto, pois que, saindo do usual, chamado dos «Centenários», deu ao local um edifício que se lhe incrusta e o completa.

No lugar, muitas casas, cujo aspecto exterioriza o progresso económico das gentes.

Há dezenas de anos, quando não havia emigração, era em torno da casa de meus pais e tios que a vida se desenrolava. As «novidades» na casa eram-no, também, para a gente do lugar.

Assim, quando de Roussas chegavam as tinalhas com as uvas já havia alegria no lugar. É que mal o vinho «novo» assentasse todas as famílias mandavam buscar vinho.

Quando se procedia à matança dos porcos, as mesmas famílias partilhavam da nossa «fatura». Por isso, volvidos os anos nos sentimos rodeados de amizade e de carinho da boa gente do nosso lugar.

* * *

Os estudantes da freguesia, porque eram numerosos, passavam férias alegres e movimentadas.

A par com este convívio, havia o desejo de acompanhar o progresso.

Assim, porque soubemos que D. Manolo — o pároco de Monterredondo, ali em frente na Galiza — tinha um rádio de pilhas,

cujo som só se obtinha através de auscultadores, lá íamos ao cair da tarde, para regressar altas horas da noite, a fim de nos certificarmos da realidade científica.

Anos volvidos, logo que soubemos que o padre Magalhães Costa, Director do «Diário do Minho» em Braga vendia um rádio de pilhas, compramo-lo.

O lugar teve nova vida.

Hoje, para os novos, parecerá ridículo falar destes assuntos. A verdade, porém, é que, na época, era assim mesmo. E podíamos dizer que na Adedela se procurava acompanhar o progresso.

* * *

Na casa da «Adedela» havia o «direito» de asilo político, não reconhecido legalmente.

Com que prazer soube pelo Director Escolar de Braga que o meu querido amigo, prof. Abel Nogueira Dantas, lhe dissera: «na casa dos padres Vaz na Adedela recebiam-se todos os fugidos políticos, fosse qual fosse a cor política ou religiosa».

Assim era, de facto.

Quando das incursões de Paiva Couceiro, meu tio padre João fora preso sob a acusação de que rezara um padre-nosso pela vitória couceirista. «O Século», camalião, deu a notícia na primeira página com acinte.

Foram 15 dias de cadeia, para o «reaccionário», como hoje lhe chamariam. Teve, nesse tempo, da tal «república jacobina» mais sorte do que os presos depois do «25 de Abril». Esteve 15 dias preso, e nesses dias foi ouvido e libertado, porque a acusação era destituída de fundamento.

A casa da Adedela ficava muito perto da fronteira, e as relações dos padres João e Matias Vaz com as autoridades espanholas da Galiza eram óptimas.

Por sua vez, os serviços de guarda da fronteira — de guardas fiscais — nutriam profundo respeito pelas pessoas da Casa, onde, devido à frequência de visitas, não estranhavam caras novas.

Pois, desde o monárquico Marquês de Lavradio até a estudantes anarquistas de Aveiro, bastantes políticos demandaram o «asilo político» da Casa da Adedela, donde com a recomendação dos padres Vaz e companhia fiel de amigos partiam para a Galiza.

* * *

Recordei tudo isto mais uma vez, quando no Natal fui cumprir deveres de respeitosa amizade para com parentes a quem a morte enlutara. E pensei como a escola familiar em que nasci e cresci e me formei tem sido a minha força e a minha orientação na vida: religiosa, social e política.

O Papa João XXIII, no «Diário» escreve que, sendo já Bispo, se guiou nas horas graves das grandes decisões pelo exemplo e pelas lições dos seus pais.

Reconheço plena razão ao bom Papa João.

Júlio Vaz

Cartas ao Director

«Não nos compete a nós de intervir, — qualquer um pode matar, — nós só intervimos quando «há tiros ou mortes»; Depois está o Tribunal para julgar os responsáveis».

São as palavras que acabo de ouvir da boca do Substituto do Comandante do Posto da G.N.R. de Melgaço, Alfredo Gonçalves, ao apresentar queixa contra pessoas de sua família que me insultaram e me quiseram agredir quando procedia à reparação de um acesso que conduz à minha garagem.

Pelas 12 horas do dia 14 de Janeiro, necessitando tirar o meu carro da garagem e, procedendo ao nivelamento do acesso da mesma, foi agredida selvagememente com um pau, minha mãe, Angelina de Freitas, casada, proprietária, de 73 anos de idade, do lugar da Costa, da freguesia de S. Paio, concelho de Melgaço, por Ilda Pires, casada e freguesia, causando-lhe ferimentos num braço. Depois de atirar com ela a terra, aplicou-lhe pontuadas no peito, causando-lhe ferimentos, por agora avaliados em 12 dias de incapacidade para o trabalho.

No momento em que eu, seu filho, Norberto Rodrigues, casado, proprietário, de 41 anos de idade, residente no mesmo lugar e freguesia me lancei em socorro de minha mãe, que se encontrava prostrada no chão, fui agredido pela mesma Ilda Pires, com o mesmo pau num braço, causando-me 10 dias de incapacidade para o trabalho.

A distância aproximadamente de 20 metros, do local da agressão, encontravam-se seu marido, José Augusto Gon-

çalves, seu sogro, Joaquim de Lurdes Gonçalves, seu primo, Diamantino Afonso, e seu cunhado, G. Fiscal António Fernandes, gritando todos eles, em voz alta: «bate que nós defendemos-te».

Fui apresentar queixa à G.N.R., apresentando testemunhas. Lá me foi dito pelo Comandante do Posto, sr. Alfredo Gonçalves, que eu deveria retirar dali e vender tudo quanto possuía; que os vizinhos, isto é, a família dele, me querem dali para fora.

A inveja leva as pessoas a cometer crimes, pois, como eu, com o meu trabalho honesto, consegui angariar qualquer coisa por esse mundo além, sacrificando por vezes a própria vida, até mandam as crianças insultar-me e apedrejar-me: a mim, meus pais, minha mulher e filha.

Aqui há tempos apanhei um indivíduo de idade avançada e de nome Abraão Alves, do mesmo lugar, riscando-me o meu carro. O caso está a ser resolvido no Tribunal de Melgaço. Alguns anos atrás o Joaquim de Lurdes Gonçalves e família cortaram-me as canalizações que conduziam água para a minha habitação, e para irrigação das minhas propriedades. Nesta altura, encontrando-me em Paris a ganhar o sustento para os meus, e já aborrecido de tantas viagens fazer e de tantos contos gastar, causados por esses vizinhos, lembrei-me, e, enviei uma exposição pela minha própria mão, a Sua Ex.ª o Chefe do Estado, Sr. General Costa Gomes, que, por intermédio de Sua Ex.ª o Ministro da Justiça, Sr. Dr. Salgado Zenha, tudo fez para me ser restituída a passagem da água.

Pergunto eu: quando acabará «o meu martírio». Quando poderei eu viver tranquilo junto dos meus entes queridos depois de tão dura luta por esse mundo além. em favor do país que me viu nascer, que é Melgaço, que é Portugal?

Daqui, deste cantinho, peço às autoridades da Nação, que se lembrem de mim; pois dizem os malvados que as autoridades em Melgaço não fazem caso de mim.

Sem outro assunto me assino respeitosamente

Norberto Rodrigues

200 mil contos mensais

com os retornados

* Trinta mil refugiados de Angola vivem a expensas do Estado por carência absoluta de recursos. Custo mensal da sua instalação em hotéis — 200.000 contos.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

SEGUROS

- * Acidentes pessoais
- * Acidentes no trabalho
- * Aéreo
- * Agrícola
- * Automóvel
- * Avaria de máquinas
- * Caça
- * Incêndio
- * Inundações
- * Quebra dos vidros
- * Terramotos
- * S. Cristóvão
- * Vida

Trata: **Miguel H. G. Pereira**

Rua da Calçada — Telefone 42212 — MELGAÇO

“A VOZ DE MELGAÇO,”

Anual: 80\$00 — Avença - Quinzenário — Estrangeiro: 160\$00; Avião: 200\$00

1 FEVEREIRO 1976